

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

PARIS

ESCRITÓRIO, 6, rue Saint-Petersbourg
Paris, 1884.

ANNO 1884. — Volume 1. — Número 10.

SEMANTECA. — 24 francos.

AVULSO. — 1 franc.

5 francs à Diego. 10 francos para os Estados Unidos.

1º Anno. — Volume 1. — Número 10.

PARIS 20 DE SETEMBRO DE 1884

Director: MARIANO PENA

RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, 79, R. do Ouvidor.
Assinaturas.

ANNO (CÓRTE).	12,000
SEMANTECA.	6,000
ANNO (PROVÍNCIA).	14,000
AVULSO.	500



CELEBRIDADES PARISIENSES : Anna Judic

SUMARIO

TRATO: Aviso importante. — *Chronica*, por Mariano Pina. — *Na praia* (poesia) Guerra Junqueiro. — *A caçada do malhadeiro da Cospa* (conto) pelo Conde de Ficalho. — *Estátua* (poesia) por Luis Guimaraes. — *O grito das parisienses*; *Justic*; *A China contemporânea*; *o corsário Kitchener*; *Quando m'neu*; o almirante Courbet. — *Na ausência do mestre*. — *Bibliographia*, por *Figaro*. — *Théâtre*, por J. Miranda. — *Passe-tempo*. — A noite agencia.

GRAVURA: *Celebridades parisienses*; *Anna Judic*, — *A China contemporânea*; *Uma ron da Pekim*; *Padres jesuítas dizendo aviso*; *um chinês*; *junco de guerra*; *um exameito solitário*; *o tumulto d'um general*; *um general chinês e o seu estado maior*. — *O couraçado brasileiro Rondon*; *Quando m'neu*; *grupo allegórico de Mercis*, — *O almirante Courbet*; *Na ausência do mestre*!

AVISO IMPORTANTE

TA M consequencia das rigorosas medidas de quarentena tomadas pelo governo português para com todas as provenientes de França — o vapor Orenoque que saiu de Bordes no dia 5 de setembro, revisou a ultima hora Toda a CARGA que devia ir para Lisboa, não recebendo mesmo um só passageiro.

Entre as mercadorias abandonadas no cais em Bordes e cuja demora tanto afecta o commercio lisboense, achavam-se as caixas para o nosso agente sr. David Corazzi, contendo a edição para Portugal do nº 9 da *Ilustração*.

A hora a que escrevemos, a administração d'este jornal trata de fazer seguir por um outro navio a sua mercadoria.

Em todo o caso ha de haver necessariamente demora d'alguns dias — demora que os nossos assignantes de Portugal nos hão-de desculpar, atendendo a que não somos nos os culpados de semelhante falta.

Ainda nenhum numero da *Ilustração* deixou de aparecer regularmente em Paris no dia 5 e ao de cada mes.

Se ultimamente em Portugal se tém dado certas irregularidades com a distribuição do nosso jornal — só temos que nos queixar do cholera, que alterou completamente todo o movimento de passageiros e mercadorias, por terra e por mar, em toda a Europa.

Não somos só nós que sofremos com semelhantes irregularidades e longas quarentenas — é todo o commercio europeu.

A ADMINISTRAÇÃO.



CHRONICA

LISBOA d'aqui a poucos dias, num arranço d'entusiasmo, ha de estourar o seu par de luvas diante de Judic — a famosa estrela do vaudeville parisiense.

É uma especialidade puramente parisiense que a capital portuguesa ainda não tinha saboreado. Mas vai d'aqui a pouco tornar-lhe o gosto. Douslhe os meus parabens por que o fructo é deveras saboroso, tocado d'aquele acre sensual do theatro leve, em que só Paris é insigne. Sensual sem ser immoral — bem entendido. A rua dos Fanqueiros pode ir, sem receio, com as meninas para o camarote!

— Já passou por Lisboa Sarah Bernhardt — a tragedia Japor ali passou Geline Chaumont — a comédia. Vae agora por ali passar Judic — o Vaudeville. E — coisa curiosa! — não ha um só morador de Lisboa que ame a vida facil, a vida mundana, a boa vida emunha, que se não julgue o mais infeliz, o mais desgraciado dos mortaes!

São difficis de contentar, os ses. lisboetas. Porque eu não vejo sobre a carta da Europa nenhuma terra onde os que têm uma fortuna média e mesmo uma pequena fortuna, possam levar vida mais regalada e mais em conta — do que a vida que se leva em Lisboa.

Um clima delicioso permitindo a todos os mancebos passar as noites a falar da rua para os quinhos andares sem prejuizo da garganta — coisa que muito surpreendendo Louis Ulbach que n'este momento conta aos leitores da *Ilustração* e literariamente a sua viagem a Portugal.

Uma vida barata como se não encontraria n'outra capital da Europa, onde as casas são fabulosamente caras, onde a casa e a meia absorvem 75 ou dos rendimentos d'uma pequena fortuna.

Um club oras novo, com vantagens sobre os clubs de Paris — por que n'estes o passatempo consiste apenas nas sensações estupidas do baccarat e da roleta.

Um bello rio que devia já ter provocado o aparecimento do mais bello sport náutico da Europa, podendo ali dar-se regatas egaueas as que se realizam todos os annos em Inglaterra e em França. Mas os chapeiros ou gardêus e a jumenta dourada e o touro le *Lisbonne préchut* (como tão sabi e tão salutarmente diz a seu d. Guiomar Tor-

reiro n'aquelle seu francez mundano, ligero, vaporoso, saltitante, com que ella narra para Madrid o tumulto, a nevraxe do Chiado) — mas a mocidade, enfim, prefere o hippodromo de Belém para que nós não temos nenhuma tendências, ao Tejo que é a propria essencia de todas as nossas gloriosas tradições de touradas. Mas a sua d. Guiomar, o guia da corrente mundana em Lisboa, em vez de gritar ao seu *Lisbonne préchut*:

— Rapazes! Viva o leme! Viva o rémo!...

duas coisas essencialmente portuguezas — batê com ambas as mãos diante do primeiro cavalo que chega à pista, e como é s. ex. quem hoje dirige a corrente... para quando, os grandes concursos de regatas que há-de um dia trazer a Lisboa toda a multidão rica e apaixonada dos certamens de Cambridge e Oxford e do Havre? Para quando?

Um bello theatro de declamação (*D. Maria*) e um bello theatro d'opera (*Tragédie*) onde se adquire uma cadeira por um preço mais baixo ainda que os preços dos pobres theatros dos *bonvillars* exteriores de Paris.

Um theatro d'Opéra onde por 1.500 reis se obtém uma cadeira para se ouvir cantar como rarissimas vezes se canta em Bruxellas, no theatro da Monna, onde uma noite me pediram o dobro pelo preço d'um *fauteuil*. Para se ouvir cantar (sempre por 1.500 reis!) como só se ouve cantar actualmente nos *italianos* de Paris, mas pagando-se 4.500 reis por cada cadeira!

E por cima de tudo isto tem agora a Judic — sem falar n'aquelle boa Liberdade que permite dizer em publico, pelas columnas dos jornais, coisas que os proprios autores não temiam a coragem de ler a um troço de granadeiros com medo de lhes mordendo o pudor... □

— O templo consagrado em Paris a Judic é o theatro das *Parisiennes*, boulevard Montmartre, junto à passagem dos Panoramas.

E' all que todos os estrangeiros, armados de poderosas machinas de guerra a que alguns chiamam obnuculos, vão em romaria para admirar a diva. Ela já deixou mesmo de ser a chantre Judic — para ser simplesmente um monumento consagrado, que os Guias recommendam a atenção dos viajantes: as torres de Notre-Dame, a escada da grande Opéra, a Judic e o Louvre!

E no dia em que a entra — obedecendo à lei fadul que leva todos à decomposição — desaparecer desse mundo, nem por isso ha-de deixar de haver todos os amos romaria de viajantes as *Parisiennes*, por que foi ali... ali mesmo... n'aquelle palco que os senhores estou ali vendo... (não de dizer os guias) que ella cantou durante tanto annos. Isto, ao que parece, ha-de consolar muita gente... Por que também ha muitos viajantes que só saem do Escorial satisfeitos e contentes — quando o guarda os deixou sentar dois segundos na mesma cadeira em que genia o seu rheumatismo esse maldito do rei Philippe... □

— A famosa Judic da *Ninette* e da *Lili*,

esta apregoada individualidade do theatro parisiense que tantos milhões tem feito rolar pelas gavetas dos camaroteiros europeus, esta actriz por quem Londres e São Petersburgo suspiram todos os annos, que tem visto príncipes respeitosamente inclinados diante d'ella, proferindo todas as banalidades da admiração e da galanteria — começou a sua carreira sendo, como milhares d'outras que todas as noites cruzam os boulevards, uma simples actrizita de café concerto.

Conhecem o gênero?...

Louritas e franzinas. Grandes olhos inteligentes, atrevidos e febris. Beijos côr de sangue recortados a vermelho de camarin, para fazerem sobresair — quando se entreabrem — duas filas de dentinhos cerrados, miudos, brancos, um quasi nada fântos de celas em gabinete particular. Um seio tratado a capricho. Um decote preparado para provocar binóculos. Uma saia de setim, zangada por ter descido um centímetro abaixo do joelho. Pernas finas. Meias de côres vivas; primeiro d'algodão, depois de fio d'Escóssia, depois de sêda — conforme o numero d'apaixonados! Uma voz educada, preparada, forçada a dar todas as notas do grotesco, do equívoco e do petulante. Vinte carêtas diferentes por minuto. Gestos desmanchados de fanteche... E trez fracos por noute para viver!

— A isto só resistem as que têm verdadeiramente talento — as que deixam escapar por entre aquelle inferno de disparates uma nota de cantora e um gesto d'actriz. E muito poucas tem sido as que se tem revelado verdadeiramente cantoras e verdadeiramente actrizes, como aquella de quem a *Illustração* dá hoje o retrato.

— Na interpretação do *vaudeville* é ainda Judic quem possue todo o segredo — o segredo de bem representar estas peças que o sr. Epiphanio (um grammatico austero) vac agora classificar de peças *epicenias*, attendendo a que tanto pertencem ao gênero *opereta* como ao gênero *comédia*...

E no *vaudeville* Judic é verdadeiramente eminent. Cantora — sabe dizer como nenhuma outra de Paris os seus *couples*. Actriz — sabe cantar o seu dialogo, coloril-o, aquece-lo, dar-lhe relevo e dar-lhe vida, como qualquer actriz de comédia da *Comédie-Française*.

Não se conhece n'este mundo parisiense — não faltando da grande Theresa que hoje declina, mas que ainda sabe fazer chorar e fazer rir o seu público — voz mais maleável, garganta mais educada para poder interpretar esta cousa tão simples e tão difícil — a *cancioneta*.

Judic chegou mesmo a criar o seu gênero, a fazer surgir um bando d'imitadoras da sua maneira. Mas nenhuma subiu ainda — nem mesmo a Duparc — a esta delicadeza artística que tanto caracteriza o seu canto, feito de meias tintas suavíssimas que, se fosse possível reproduzir sobre uma folha de papel de China, havia de ter em equivalências de tons a docura das águas-fortes e das miniaturas do século XVIII.

— Na fama d'uma actriz a formosura e o talento entram sempre em partes iguais.

Chega-se mesmo a hesitar entre a primeira condição para se ser actriz — se talento, se beleza. As opiniões dividem-se em dois campos terríveis. Os críticos pedem talento. Mas os directores de theatros pedem bonitos olhos, e as *concierges* de Paris só mandam as filhas para o Conservatorio — quando vêem que efectivamente todos os locatários da casa lhes fazem a cõte!...

Quando a mulher é feia precisa pelo espírito e pelo estudo valer duas vezes mais que outra actriz do seu gênero. Não se perdoaria a Celine Chaumont que fizesse mal uma cena do *Divorçons*. Mas se a Magnier representasse mal uma peça em cinco actos, a plateia havia de lhe perdoar — por que teria passado a noute a namorar-lhe os olhos e o colo!

— Na reputação da Judic a formosura entrou com 50 o/o — como na reputação da Théo ha 75 o/o de beleza a descontar.

Já vai um pouco longe a sua primavera — mas um quasi nada de esforço no espartilho e um quasi nada de pintura de camarin transformam a actriz n'uma mocidade tão fresca e tão apetecível, que chega a causar ciúmes a muitos vinte annos femininos que a olham dos camarotes.

E mesmo que não fosse o que ainda é — a Judic tinha como recurso infallivel os seus bellos olhos de parisiense, que prendem toda a atenção dos espectadores... como estes bordados diabolicos, feitos a escarlate e a ouro, sobre o velludo preto, o velludo fatal, das meias dos prestimanos.

— Os olhos de que a Europa ainda mais se orgulha de possuir — são os olhos das andaluzas e os olhos das parisienses.

A fama dos olhos das andaluzas é devida em grande parte aos poetas românticos que os iam cantando e suspirando; muitas vezes sem nunca terem visto andaluzas — nem mesmo das de exportação! Mas que de poemas que se não escreveram para cantar os olhos de Concha, de Lola e de Consuelo?

A furia passou, no dia em que a humanidade se aborreceu de tanta *mirada* fatal, assassina, vibrada por detrás d'um leque ou d'uma mantilha. Os poetas tanto insistiram sobre os olhares que atravessavam corações com a facilidade d'um florête, e dos milhões de mancebos que caiam fulminados pelo golpe terrível — que Sevilha caiu também pela sua vez... mas no descredito da Europa!

Hoje só gosam d'uma justa reputação os olhos das parisienses. E a razão é simples. Uma andaluza bonita com olhos bonitos — pode ser uma divindade. Uma andaluza feia com olhos bonitos — é sempre uma mulher feia. Enquanto que a parisiense, ou seja feia, ou seja bonita — é sempre admirada e apetecida.

Ha no seu olhar alguma cousa de misterioso, de superior, de *sympathico* que atrahe e prende. Uma vida onde fala mais alto o espírito que o corpo. Um reflexo d'esta sublime claridade com que Paris ilumina todo o mundo. Um não sei quê, que trasborda amor ou ódio. Um azul tão

claro, tão clara, que à primeira vista define todos os caprichos da mulher — que é capaz de perder como também é capaz de salvá-las...

MARIANO PINA.

P. S. — Acalmo de ser informado de que o artigo do *Diário da Manhã* que dei ocasião à minha chronica do n.º 9 da *Illustração*, tinha um sentido diverso d'aquele que se lhe podia facilmente atribuir — e que eu lhe atribui. Efectivamente é um estudo profundamente metafórico, que o mesmo *Diário* hoje abusa, e que não estava nas tradições do jornal.

Antecipo-me portanto a todo e qualquer recetor, que a nova redacção do *Diário da Manhã* me possa pedir, dando por não cabidas as phrases que a possam suscitar. Isto entende-se apenas com as phrases que me suscitaram o artigo mal interpretado. Quanto ao resto, as assunções principais da chronica, é historia e é critica donde não há a restar uma unica palavra.

M. P.

A *ILLUSTRAÇÃO* publicará no proximo numero um oráculo do seu brilhante colaborador Jayme de Seguer.

Título: «UM BANHO NO BARRIO»

NA PRAIA

*O rude coração do amargo oceano
Tem virtudes inérgicas, austeras:
Dá um heroico lampejo ao corpo humano,
Um sadio florir de primaveras.
Essas almas dolentes, requebradas,
Tristes como o cantar de um rouxinol,
Falam fortes, viris, iluminadas:
Brilhantes como o sol,
E rivas como espadas.*

*Um corpo franzoso e morbido e franzino,
Cheio de pallidez etérea e doce,
Forma-o como se fôsse
De bronze crystallino.
Depois o aroma acre dos pinheiros,
A borrascosa voz dos marinheiros,
E a vastidão da esplendida paisagem,
Tudo faz rebentar em nossos peitos
O bronze inabalável da coragem.*

*Deixaes os plumeos leitos
Onde o espírito languido desmaia!
Vinde viver na praia
Entre as coisas sadias, triunfantes
Do bello mundo antigo!
E despi esses vícios irritantes
Como quem despe uns trapos de mendigo!*

*Viver n'uma casita á beira mar
Feita no gosto inglez,
Casa de um só andar
E sem balcão chinez;
Ler paginas vibrantes, luminosas,
Ricas de coisas sás e duradouras;
Beijar crianças puras, vigorosas,
Ainda mesmo que não sejam loiras;
Junto a isto um amigo verdadeiro,
Saude e algum dinheiro,
Eis a vida melhor, mais pittoresca
Que existe á luz do dia...
A vida assim é uma roseira fresca
Inundada de orvalhos de alegria!*

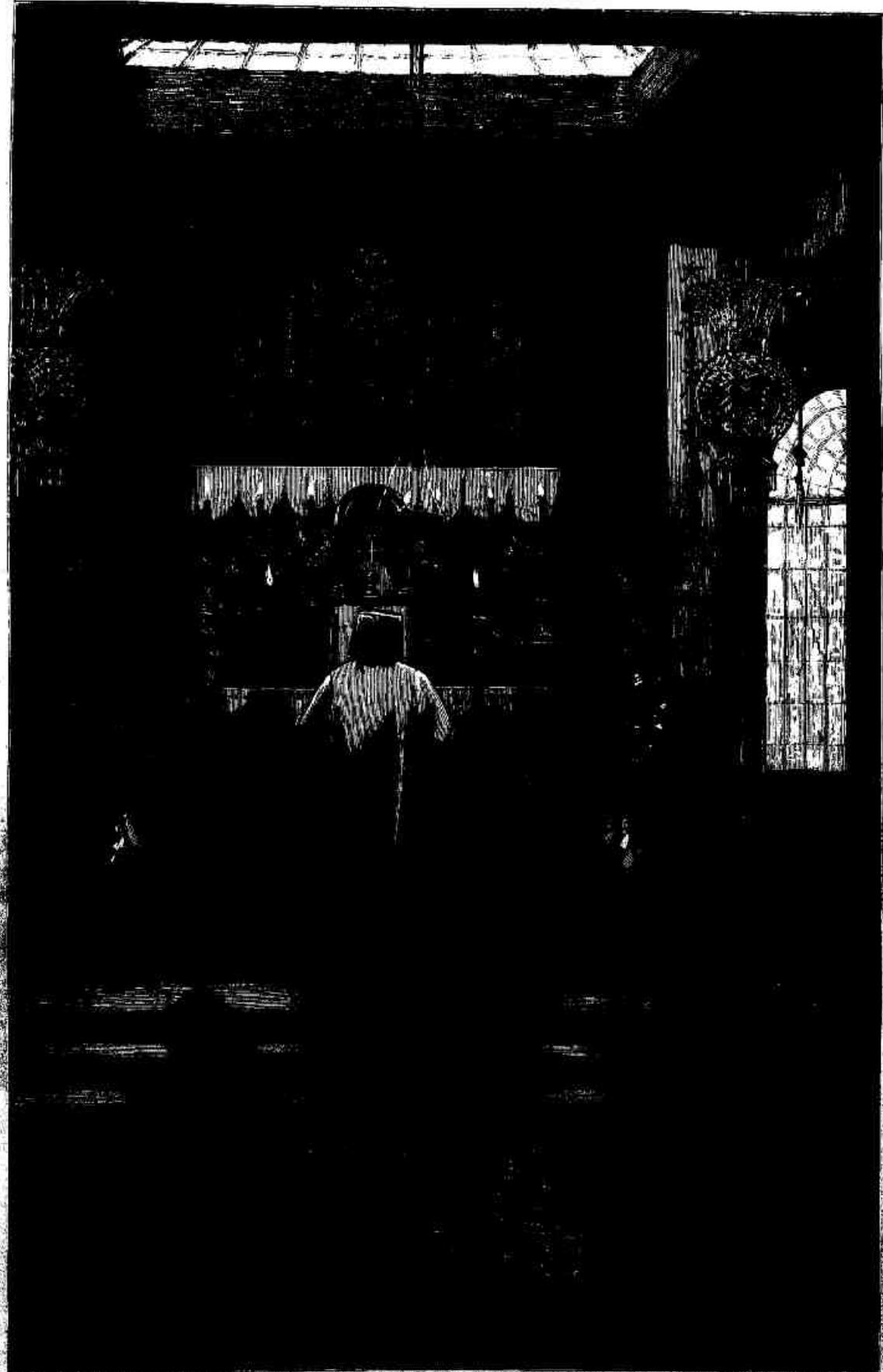
GUERRA JUNQUEIRO.

A *ILLUSTRAÇÃO* publica no seu proximo numero um magnifico desenho de F. Villega representando uma praia do Amazonas, e que o sympathico artista descreve expressamente para o nosso jornal.

A *ILLUSTRAÇÃO* nos numeros a seguir convidará a publicar curiosos esboços sobre a China contemporânea.



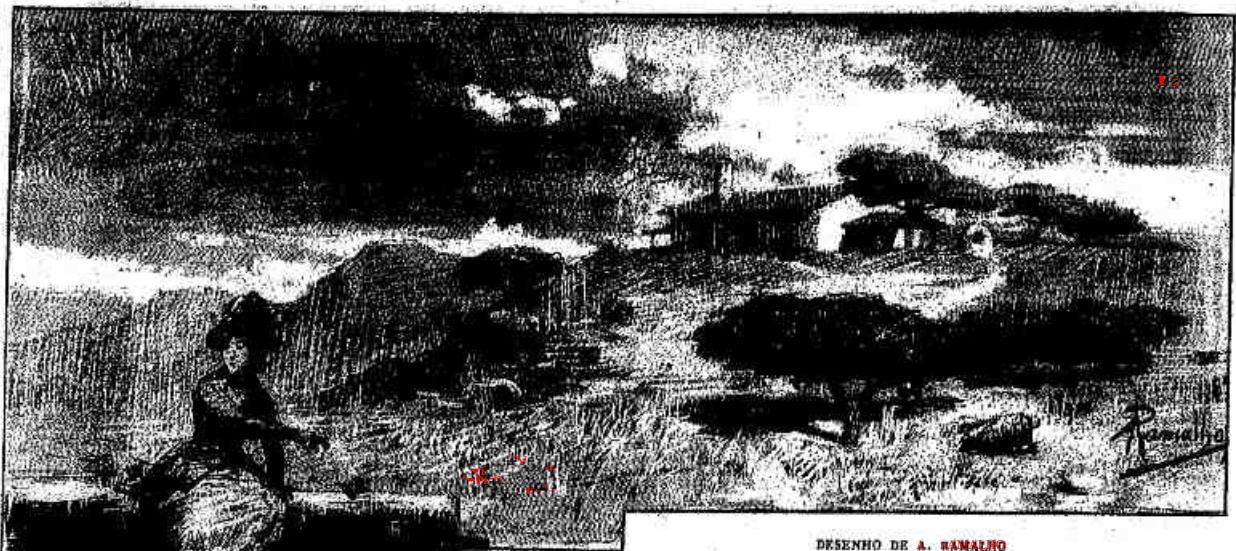
A CHINA CONTEMPORÂNEA: Numa rua de Pequim.



A CHINA CONTEMPORÂNEA : Padres jesuítas dizendo a missa em Shanghai.

A CAÇADA DO MALHADEIRO

DA GRESPA



DESENHO DE A. RAMALHO

INHAMOS ido — o mestre Domingos ferreiro, o malhadeiro do Val-fundo e eu — em busca de

um porco, que o malhadeiro atalayára na vespere. Tencionávamos fazer uma mancha pequena, próximo á qual o porco fôr visto, e voltar á tarde ao monte das Pedras-álvias, onde ficare o nosso rancho. O malhadeiro fôi com os cães bater, enquanto o mestre Domingos e eu esperávamos nas portas. O porco não estava na mancha. Batemos segunda, onde também não estava; mas abri os cães pegaram com força no

rastro, e em baixo no valle achamos-lhe as saídas frescas; batemos terceira e quarta mancha, e fomos de cerro em cerro, e de valle em valle, até que, quando nos decidimos a volver — sem ter visto um pêlo do porco — estavâmos a duas legoas, e logoas de serra aspera das Pedras-álvias. Enfim, Domingos, ao cair do tardio. Começava a chover, e as nuvens grossas, correndo com força do sul, anunciam umha noite de agos.

— Nós com este tempo não deitamos as Pedras-álvias senão alta noite, disse o mestre Domingos.

— Não deitamos é certo, respondeu o malhadeiro. Mâ raios partam o porco, acrescentou, para se consolar o lar.

— Mas que ha a fazer?

— Podíamos ir a Grespa, que é d'áqui mais leigo. O tio João sempre fôrde alguma coisa que se coma, e um lume pra gente se aquecer.

— Pois vamos lá.

As nuvens negras tinham-se fundido num tom cinzento. A chuva engrossava. Batida com força pelo vento, passava em linhas claras, apertadas, muito obliquas, sobre o verde negro dos cerros. O malhadeiro abriu caminho a costa metade, e o mestre Domingos e eu seguimos, abaixando a cabeça, fugindo as rajadas de chuva que nos açoitavam a cara. Em fôr a vez dos nossos calcâmbares, vinham os cães, tristes, de orelha caída. O mato escoria. Nos valles cheios de herva densa, aítorre, ensopada, cedie fôr debaixo dos pés; e as pégadas, marcadas no musgo

verde, enchiam-se logo da agua que recumava. A luz tenue da tarde punha, nas poças grandes, reflexos de prata pulida. Duas gallinholas saltaram-nos aos pés, sacudindo com a ponta da aza as gotas brilhantes prezadas ás folhas viscosas das estevas; mas as espingardas estavam carregadas de bala, bem accommodadas debaixo do braço, com as fechuras tapadas pelas abas dos jałécos, e nenhum de nós ia de humor para tirar a gallinholas.

— Mâ raios partam o porco, diafa de vez em quando o malhadeiro.

Era noite fechada, quando os perfis confusos de umas azinheiras grandes se desenharem deante de nós no clarão baço do ceu. Ouvimos ladear os cães; estavâmos na Grespa. O tio João veiu á porta, conhecêu a voz do outro malhadeiro e abriu logo. Estava só em casa com a nora e os netos pequenos; o filho andava trabalhando longe d'ali, e não recolhera.

Improvissou-se rapidamente uma ceia pobre, que nos pareceu excelente. Duas braçadas de lenha secca de azinbo estavam na enorme chaminé, com uma chamma clara, muito alegre. Quando acabámos de celar e nos chegámos para o lume, accendendo os cigarros, invadiu-nos uma grande sensação de bem estar. Lá fôr ouvia-se o tuir monotono da chuva, e as lufadas do sul, assobiando no tolha vi da malhada.

Naturalmente faltou-se de caça; o ferreiro e os dois malhadeiros eram os trez primeiros caçadores da serra.

— Olá tio João, você é que fez uma caçaria melhor que todas essas, disse o ferreiro depois de se contarem muitos casos de montes desportos e veados.

— Fiz, fiz, disse o velho como quem meditava.

— Você devia-nos contar esse caso esta noite.

— O mestre Domingos, eu não gosto de falar n'isso.

— Ora, umá vez não são vezes; eu sei do caso, mas nunca lh'ô ouvi contar bem a preceito como elle foi, e os mais que aqui estão não o sabem.

— Pois conio, respondeu o malhadeiro, abrindo-se para accender o cigarro, uma braza.

Estava sentado defronte de mim, dentro da chaminé, ao lado de nós. A luz d'uma lareira illuminava-lhe brutalmente a cara, energica, sulcada de rugas fundas, muito queimada. Esse olhos tinha o neto, uma cresma de sete ou oito annos, com uma cabecita redonda, bem encabelhada, e uns olhinhos pretos, vivos, com que a chamma prima pôntos brilhantes. De vez em quando a mão negra, muito dura do velho, passava sobre a cabiceira do pequeno, com um toque suave, de uma docura infinita. Deante do lume, o ferreiro e o Joaquim do Vento estendiam para o braçado os sapatos grossos e as gominhas que secaíam, e que secaíam. A chamma, levantando e abaixando, projectava hás as sombras desmesuradamente grandes, na parede calada do fundo, fazendo-as dançar de um modo phantastico, fico.

— Isto por aqui no tempo dos franceses esteve mão.... muito mão, começou o malhadeiro. Passaram ahi duas vezes. Quando passaram juntos, em tropa, bem foi; mas depois quando iam na retíndia, sem respeito lá aos seus commandantes, nem a ninguem, queimavam e roubavam tudo. Os montes, nos barros, estavam todos desertos; e mesmo cá na serra, nas malhadas mais perto das estradas, não ficou viva alma. Todos fugiam, levando alguma coisa melhorsita que tinham. Meu pae quiz aqui ficar — Pra onde ha de a gente ir, dizia elle. E depois isto é cá desviado, não vem cá.

Eu, ó tempo, era rapazote, ia nos meus desasete. Estava aqui com meu pae e as minhas duas irmãs; a Ignez, a mais nova, que ainda vive, era mais velha do que eu um anno; e a Marianna, Deus lhe perdoe, teria então os seus vinte ou vintaut.

Passou tempo, sem os franceses aparecerem. A gente sabia que passavam tropas, abri pelas estradas, direitas a Hispanha; mas cá na serra já estava desciudada. Quando uma manhã, que eu andava lourando com a parelha ali no farejal, e meu pae estava fulquejando umas aivecas aqui na empêna, a Ignez que tinha ido à fonte.... à fonte lá abaixo na umbria (disse elle para o Joaquim, que fez signal de conhecer bem o lugar).... a Ignez veiu fugindo ladeira acima, e chegou ahi esfusfada, dizendo: Ahí vem.... ahí vem!

E vinham. Aquillo sorte é que se tinham desviado da estrada, perdem-se e vieram a corta mato, direitos à caza, que viam aqui na altura. Eram oito. Vinham muito raios, com os sapatos em frangalhos, atados com trapos. Um — estou-o vendo — um alto, magro, com o nariz grande e o bigode caído aos cantos da boca, trazia um lenço branco, sujo, com grandes manchas de sangue, atado à roda da cabeça.

Meu pae bradou-me, e quando eu vim correndo, disse-me baixo:

— Esconde as espingardas.

Fui aquelle canto onde elles sempre tem estado, peguei-lhes, passei à porta de traz, e fui mettel-as na palha da arramada. Quando voltei já os franceses estavam dentro de caza. Não se percebia nada do que diziam, senão — vino.... vino.... — e faziam signal que queriam comer. O pae disse às moças que lhe dessem o que havia; mas elles não esperavam, abriam as arcas e traziam o que achavam pra cima d'essa mesa. Meu pae tinha-se sentado n'aquele banco. (O velho indicava os lugares com o gesto, que o Joaquim e o mestre Domingos seguiam com os olhos; e assim coniada, n'aquella caza, que não tinha mudado nos ultimos sessenta annos, onde ainda se viam as espingardas encostadas ao mesmo canto, e o banco tosco ao lado da porta, a historia adquiria uma intensidade de vida, uma actualidade singular).

— Os franceses comeram, beberam, estavam já alegres, rindo e gritando. Um d'elles, um loiro que tinha um galão e parecia mandar alguma coisa nos outros, quando a minha Ignez passou ao pé d'elle, deitou-lhe um braço à cintura, sentou-a à força nos joelhos e deu-lhe um beijo.

Eu vi isto, e no mesmo instante vi meu pae de pé, e um machado de cortar azinjo direito à cabeça do frances. O frances era leve, furtou-se; e quatro ou cinco d'elles agarram-se a meu pae e depois de uma lucta deitaram-o no chão. Eu tinha levado uma coronhada pelos peitos, e estava encostado àquella arcá, seguro por outros dois. O loiro ria-se, com um riso mão, mas dizia — quiz-me a mim parecer — que nos não fizesses mal, que nos atassem. Estava ahi uma corda grande de encher, com que elles ataram o pae de pés e mãos. A mim ataram-me com um braço e com a minha cinta.

As moças arrastaram-nas para a caza de dentro, gritando e chorando....

A meia ficaram dois franceses, bebendo.

Eu ouvia minhas irmãs chorar lá dentro, chamando-nos, que lhes acudissemos; e via o pae deitado no chão, com a camisa rasgada, e as mãos atadas a traz das costas. Na lucta, quando caiu, partiu a cabeça na esquina do banco. Um fio delgado de sangue corria-lhe de testa até às suissa brancas, e, dos outros muito fitos vi correrem-lhe as lagrimas, que se misturavam com o sangue. Não posso dizer o tempo que isto durou; mas pareceu-me muito.

Quando os franceses saíram, rindo e metendo nos bornaes o pão e uns queijinhos que tinham sobrejado, nem olharam para o pae; e mim pegaram-me, e, assim mesmo atado como estava, levaram-me à porta para lhes ensinar o caminho. Não sei o que me lembram; mas em lugar de lhes mostrar a trocha que vai direita à estrada, mostrá-lhes a que desce para a ribeira. Essa trocha era a mais seguida das duas; elles não desconfiaram, deitaram as espingardas ao ombro, e desceram valle a beixo.

A Ignez não dava acordo de si; mas a Marianna, muito branca, muito enfiada, veiu cá fora desatar o pae. Ele não fallava e, quando a Marianna me desatou, disse-me só:

— As espingardas.

Fui já arramado buscá-las, e quando vim já o pae tinha o polvorinho a tiracolo; apontou para o ouro polvorinho que eu enfei, e tirando da arcá o sacco das bolas, esteve-as dividindo, deu-me um punhado d'ellas e meteu as outras na algibeira. Saimos sem elle dizer uma palavra à Marianna. Fez-lhe signal que chamasse e fechasse os cães. Só deixou ir uma podengue velha vermelha; mas a podengue era salvo seji — como uma criatura; quando estava n'uma porta nem latia, nem mexia um cabello. A' ponta das farejas abixou-se; desafivelou a calleira de guizos da cedella e desceu-a fora.

Nós ímos devagar. Entendi eu que meu pae os queria deixar meter bem para os valles mais asperos. Lá abaiu, aos matices do barranco do Lendalal é que os apunhámos. Vimo-las de longe n'uma volta da trocha. Meu pae não fallava, fez-me signal que fosse à meia encosta da umbria, que elle la pela solteira; e quando nos apartámos, n'uma voz sôndia tremula, disse-me só estas palavras:

— Não atires, sem eu atirar.

Eu metti à encosta, de gaitas, por baixo das estevas. Era uma creança ainda, mas não me lembrou ter medo. Fui... fui, só que cheguei bem a tiro. Já n'esse tempo atirava bem. Desde pequeno que andava com meu pae, e você ainda se lembra como elle atirava, mestre Domingos?

— Era a primeira espingarda da serra, o chumbo é a bala, afirmou o ferreiro.

— Era continuou o velho. Eu não o vi; mas sabia que elle la na outra encosta. Os franceses iam em baixo no valle, todos n'uma linha porque a trocha era estreita. N'uma volta do valle, ouvi um tiro; e o frances, o loiro, que ia adante, abriu os braços e caiu para traz. Os outros pararam; eu apontei bem um, dei ó dedo, e elle caiu redondo. Ao segundo tiro viraram-se para o meu lado; então o pae — para me livrar — apareceu-lhes no mato. Atiraram-lhe todos, e eu vi as estevas cortadas pelas bales em volta d'elle; mas não lhe deram. Os homens ainda quizeram avançar pela encosta direito a elle, mas era um bastio de mato muito forte, não puderam romper, e, deixando os dois mortos, abalaram a correr pelo valle.

O pae chamou-me e fomos juntos sempre pelo fio da altura, a ver o caminho que tomavam. Acho que se arreccaram de ir pelo valle, que era cada vez mais estreito, e meteram a uns matos raios, de umas queimadas que se tinham feito n'esse anno, direito à porta-baixa do Soveriral.

Quando os topámos foi já no barranco do Algeriz, mesmo ali ó cídu do Moinho-velho. Estavamos metidos nos medronhaes altos, e elles vieram sair no claro do areial do barranco — onde tu matistel-a porta grande a semana passada (disse elle para o Joaquim do Val-fundo).

Era quasi à queima roupa; caíram dois. Os homens eram valentes. Os quatro que restavam ficaram direitos, encostados uns aos outros. Atiraram para o mato, na direcção do sitio em que tinham visto o fumo, e uma bala cortou um ramo mesmo por cima da minha cabeça. Nós separámos-nos e mesmo de restos por baixo do mato, fomos carregando. Quando atirámos, eu precipitei-me e erra; mas o pae não errou... nem errava. Os tres perderam coragem e fugiram para o mato. Era já escuro, perdemos-los.

Fomos para um cídu e ficámos ali toda a noite. Eu estava cansado, era uma creança, prali me deitai. Mas o pae nunca dormiu; e quando eu de noite acordava com o frio e com a fome, via-o sentado n'uma pedra, direito, encostado à espingarda.

Logo ao romper da manhã abalámos. Os tres franceses tinham tido toda a noite para fugir; mas aqui na serra quem não é pratico, já mais de noite, não avança caminho. Pode um homem andar uma noite toda, e de manhã achar-se no mesmo sitio. Ainda assim deram-nos trabalho; sinalámos pelos cerros; rastejámos os valles e as passagens dos barrancos, como se a gente andasse à busca de um javardo ou de um veado, até a cedella — Deus me perdoe — já lhes pegáva no rastro. Seria meio dia quando os vimos lá muito em baixo, nos areiaes da ribeira. Tinham ido à agua. D'ali a duas horas estavam mortos todos tres.

Quando voltámos para a malhada, já os grifos andavam no ar as voltas, às voltas por cima do valle, onde ficaram os dois primeiros.

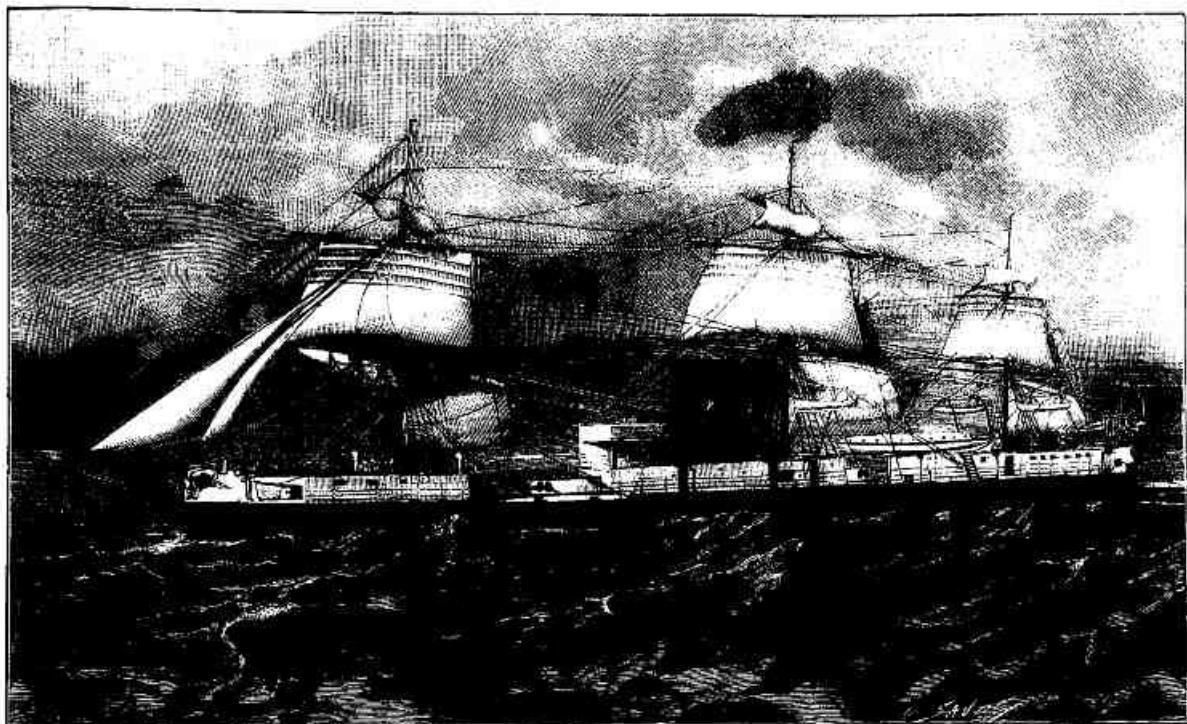
Meu pae só entrar em casa não disse nada; mas agarrou as filhas e tese-as muito tempo abraçadas, e nunca até à hora da sua morte o ouvi falar no que tinha sucedido.

O lume ia-se apagando, sem que — presos à narracão — nos lembrássemos de o atiçar; e o vasto brazido, onde ainda corriam umas chamas incertas, azuladas, iluminava vagamente a figura austera do velho, que amparava com muito cuidado sobre os joelhos o pequenito adormecido.

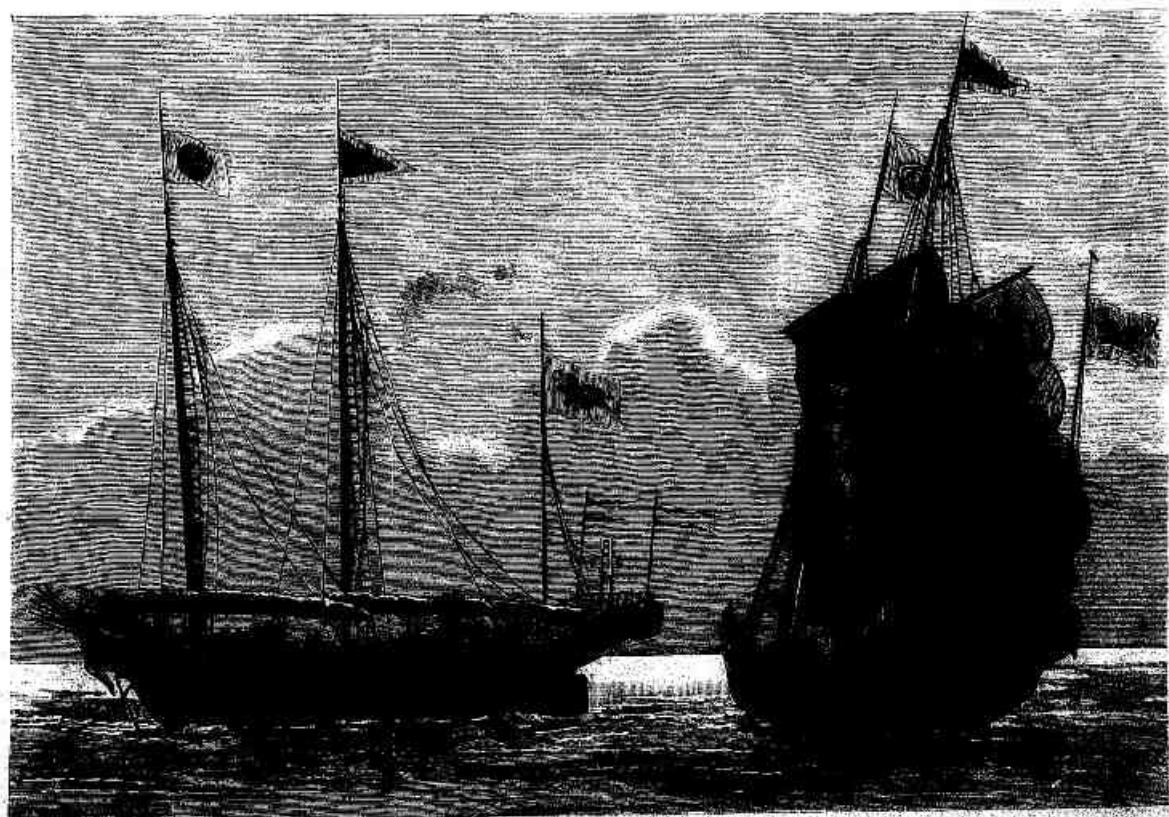


QUAND MÊME!

Grupo allegórico de Maillol, inaugurado em Belfior.



O couraçado brasileiro « Bragança ».



A CHINA CONTEMPORÂNEA : Juncos de guerra.

A ESTATUA

A FERNANDO LEAL

Narrei-lhe o drama de minha alma... Absorta
Num vago ideal talvez, pallida a bella
Tinha nos olhos um clarão de estrella,
Mas no resto do corpo estava morta.

Quando a voz do Poeta canta e exorta
Ou vibra como as azas da procella,
Agita céos e mundos, — porem Ella
Aos meus gemidos respondeu: — « Que im-

porta! » E contemplava-me tranquilla
Aquella ondada encarnação da argilla.
Fria, tão fria como a louça fria:

Morto de dor, de desespero insano,
De meus olhos verti ondas de oceano,
E Ella — a sereia — entre meus prantos ria.
Lisboa 1884.

Luiz Guimarães.

O GENIO DAS PARISIENSES

PARIS é a cidade artista e poeta por excellencia; mas os maiores artistas e os maiores poetas de Paris são as Parisienses. Porquê? Porque, enquanto os seus pintores, os seus versejadores e os seus estatuários, evocando a alma do passado ou surprehendendo por uma prodigiosa força de comprehensão o espirito da vida moderna, sedentamente produzem as obras ideias e féticias, as Parisienses inventam, abram, complectam a cada instante uma obra real e viva, por que elas criam-se a si mesmas.

É uma palavra que é necessário tomar ao peito! Porque, assim como a natureza limitou o seu esforço a criar a rosa sylvestre (giantine), e que da rosa sylvestre o genio do homem fez esta flor esplendida, encantadora, deliciosa, que se chama unicamente a Rosa, — assim os acasos da história e da vida social só nos fizeram dado mulheres nascidas em Paris, ou habitando Paris; mas d'estas criaturas vulgares, a Parisiense civilisando-se, modelando-se, trabalhando-se, disciplinada por um maravilhoso ideal de beleza, de graça, de elegancia e de juventude, produziu esta criatura inimitável, epica, sábia como um deus, e na apparencia ingenua como uma creança — a Parisiense!

As Parisienses fizeram de si mesmas o que elas devem e querem ser, e antes de tudo transformam corpo e beleza, não pelo maquillage e pelos artifícios, (por que isto seria um modo muito simples d'explicar obras-primas!) mas pela ação constante d'um genio criador. O corpo e também a alma que receberam à nascença, são roupas materiais que depois trabalham. O corpo, tornam-o bello por uma gymnastica multipla e diversa, e sobretudo pelo desejo obstinado da beleza. A alma aperfeiçoam-na e por assim dizer fazem-na desabrochar por uma absoluta in-

tuição de todas as cousas, pelo dom innato e cultivado constantemente da synthese, e por um amor da ordem e do rythmo que produz todas as graças, e mesmo a virtude! Acabam, coordenam, proporcionam a obra rudimentar, e no esplendor milagre da sua florescência, espiritual e phisica, edo as vezes o estupor e a moutanya de marmore.

O seu principal caracter é a simetria. Assim no theatro, n'uma prima de operas, n'uma tabacaria, n'uma collatice são o que se vêem pelas circunstâncias favoráveis que se dão, e quando podia de modo algum se obvia.

Por exemplo: se um principio é de luto, anunciam-o de modo muito哀愁, n'uma especie de misterioso Parisiense, poemas arranjados a mordomo e de modista, por que se atendem, como na pintura Delacroix, aos proprios reflexos do reflexo! são precisamente o que devem ser, n'uma sala onde esteja um principe! Isto affirma evidentemente a existencia d'un magnetismo pelo qual as ideias se comunicam sem se importarem com obstaculos de tempo e de lugar, independentemente da sua forma, aspirando-se e respirando-se como o ar.

As Parisienses traduzem pelas modas as ideias geraes! Foi d'este modo que exprimiram o que havia de sereno e de familiar no burguesismo de Luis-Philippe, pelos bandos chatos d'uma nitidez e d'um escrupulo que encantaram o olhar, formando por detrás, com os cabellos, um simples oito, — penteado de que se encontra um perfeito desenho nas litographias de Deveria e nas estatuellas de Barre.

No tempo do imperio, pelo contrario, quando a expansão do ouro e a febre das combinações financeiras produziram uma vida de deslumbramento e de phantasias, as Parisienses ainda estiveram do lado d'esta renascença exaltada, adoptando como penteados os frisados cachos de caracoes e de tranças mais complicados e inchados do que aquelles com que coroaram a fronte das Dianas do seculo degescal, e fabulosas cuias que em summa, não eram nada feias. Mas como está na sua condicão serem essencialmente volveis, desanimadoras para com as mulheres estrangeiras, desde que por seu exemplo as mulheres da America e da Australia começaram a trazer penduradas sobre os homens falsas cuias, e de tal modo que por todo o universo as mulheres calvas se julgaram sciadas para todo o sempre — as Parisienses decidiram logo levantar detrás os cabellos mostrando-lhes as raizes. E que fizeram as que os não tinham? Compraram-os. Não havia outro remedio!

Buscar na antiguidade, no Oriente, em todos os tempos o que houve em elegancias particulares, sem as desvirtuar, reduzil-as à forma da parisienne, tal é a constante occupação d'essas grandes artistas. Em que imaginam que pensava a famosa Rachel quando contando diante do publico a mais bella musica do mundo, refiro-me à poesia de Corneille e de Racine, ressuscitava Hermoine, Phœbe, Camilla, Ximena, Roxana, Monima? Em traduzir a impressão que dão no poeta estas figuras ideias? Sim, sem dúvida, mas accessoriamente, por que Rachel ocupava-se mais em despojal-a, tirar a cada uma d'ellas o que

constituia a sua graça especial. E se foi Graga, Romana, Hespanhola, Oriental, representando este grandes papeis, foi mil vezes mais Parisiense passeando a pé pelo boulevard, por que o tipo mais completo da beleza suprema que se tem visto, é Rachel trazendo um châle da India, como trazia a figura dos Deuses, e realizava então uma expressão de harmonia de proporção superior à Polymnia.

Que idade tem uma Parisiense? Questão grave a que é preciso responder claramente. A primaria magia, o primeiro prodigo, o primeiro dever, d'uma Parisiense, é de suprir a idade e tudo quanto se lhe aproxime. Porque a natureza, pensando especialmente na reprodução da raça, deu apenas à mulher cinco annos de beleza e de verdadeira mocidade; mas a Parisiense criou para si uma mocidade absolutamente convencional, que dura trinta annos, e é preciso pelo menos este tempo para chegar a completar e a concluir esta creatura prodigiosa e encantadora que todos conhecem. E insisto sobre este ponto por que esta magia consiste não em pintar, em dissimular as rugas, em substituir os cabellos caídos, as carnes fanadas, mas em não fazer nada d'isto. A verdadeira Parisiense, é o que constitue a sua força, não conhece nem o negociente de cabellos, nem o dentista, nem o perfumista, lavando-se com agua pura, como uma freira.

Se desejam saber como procede uma Parisiense n'uma circunstancia dada, tomem a contraria do lugar commun admittido, e ficam sabendo o que querem. Podem ter a certeza de que faz sempre o contrario do que indica o pontificado vulgar da elegancia ou do espirito, e a falsa sentimentalidade do romance. Excellent ecuyère, nunca foi uma amazona tumultuosa, nunca se ha de lançar do alto dos rechedos nem ha de saltar torrentes, para se não confundir com uma heroína de keepsake. Nunca estere doente! Só a vêem as horas em que quer ser vista, sempre em scena e sempre natural. Em sua caça nunca oferece aos seus convidados, nem mau salmão nem vinho da Madeira falsificado, nem faz discursos, e não somente evita todos os gracejos banais (contra a poesia, a Academia, os maridos engaçados, etc.), como nunca pronuncia um dito que possa servir para um vaudeville ou para uma anedota de jornal. Em amor, é correcta, e nunca, suceda o que suceder, deu origem a uma situação equívoca que se possa parecer com uma situação de romance. E o homem verdadeiramente amado por uma Parisiense pode considerar-se um deus!

Nunca se mostrou passada, e comprehendendo tudo, sem nunca pedir uma explicação, mesmo se na sua fronte se pronuncia uma palavra de sansônio. Em compensação prefere mal seger morrer entre lamentos que pronunciar somente para tecnicos, ou pertencendo a noutra especie de qualquier officio. Porque sou dos maiores preceptores que o genio inegutável da Parisiense resolve a cada instante, é o de proteger a cultura, a linguagem vulgar, de todos os traficantes de moralidades — sabios, medicos e casinheiros.

THEODORE DE BANYVILLE.

AS NOSSAS GRAVURAS

JUDIC

Na chronica d'este numero do nosso director Mariano Pina, encontrarão os leitores larga noticia e desenvolvida critica acerca da notável atriz parisense que d'áqui a poucos dias estará fazendo as delícias do público português.

Neste lugar temos apenas que lembrar aos nossos leitores que o soberbo retrato da diva que aparece na primeira pagina da *Ilustração* foi feito EXPRESSAMENTE para este jornal pelo nosso eminentíssimo colaborador Ch. Brude, o collaborador artístico do *Monde illustré* e da *Illustration de Paris*. Em seis dias Ch. Brude executou tão esplendida gravura — para que a *Ilustração* fosse o primeiro jornal português a revelar ao seu público a physionomia tão sympathica da distinta cantora parisense.

O retrato que hoje damos é tal qual nos aparecia Judic no segundo acto da *Mam'zelle Nitouche*, no *Varieté* de Paris.

A CHINA CONTEMPORÂNEA

O NOSSO numero de hoje é quasi todo consagrado à China. A guerra que actualmente se empenha entre a França e o Celeste Império, impõe-nos a obrigação de tornar conhecidos dos nossos leitores, alguns lados bem curiosos do país dos mandarins. Sendo o fim principal da nossa revista tratar da actualidade de todo o mundo, e sendo exactamente para esse fim, para bem informar o público de Portugal e do Brazil que a fundâmos em Paris — não hesitamos um momento, e tratamos de obter em Paris e em Londres curiosos desenhos sobre a China.

— A gravura da pagina 148 representa uma rua de Pekim — duas chinesas que passeiam, uma delas é uma senhora da aristocracia, a outra a sua aia, levando o menino às costas, segundo se uso na China — assim como na África as negras trazem os filhos.

— Curiosíssima gravura é da pagina 149, representando os padres jesuítas em costume chinês celebrando a missa em Shanghai.

Foi nos últimos tempos da dinastia dos *Ming*, sob o reinado do imperador Chin-Tsuong (1581) que penetraram na China os primeiros missionários jesuítas.

Comprehenderam imediatamente o forte e o fraco do espírito chinês. E trataram de se fazer também chineses, adoptando costumes, usos, fatos de mandarins, estudaram os livros de Confucius, e trataram de enquadrar as tradições chinesas na doutrina que elles iam pregar, do que elles tiraram tão bons resultados, chegando as suas doutrinas a ser hoje a quarta religião da China.

Mas os jesuítas não são amados no Celeste Império, isto devido não só às guerras que tem sofrido dos muçulmanos, como também dos próprios padres dominicanos, e para dominar no espírito dos indígenas conservaram o antigo costume de se vestirem à chinesa, de trajarem rabicho, e de dizerem a missa com o mesmo barrete de cerimônias de que se servia Confucius. É esta a cena que a nossa gravura representa. Europeus e padres... de rabicho e saias de mandarim — a dizerem missa. A quanto arrasta a fé!...

— A gravura da pagina 153 representa uns juncos de guerra, restos das antigas esquadras chinesas, destes juncos que ao lado dalgumas canhoneiras que a China mandara construir na Europa, queriam resistir à poderosa esquadra francesa sob o comando do almirante Courbet. Foram dezenas destes juncos que no famoso combate de Fú-Tchêou, em fins d'agosto último, a esquadra

franceza destruiu e arrasou completamente, vendendo-se os escos em fogo, descendo o rio, juntamente com centenas de chineses, mortos e feridos, que foram boiando sobre as águas até ao mar. Estes juncos possuíam péssimos canhões e uma equipagem toda indisciplinada, cheia de suprestícios, comandada por oficiais conhecendo mal o uso da bussola, apesar de ter sido inventada pelos seus antepassados — segundo se diz.

Depois que os chineses se resolveram a construir alguns vasos de guerra na Europa, a sua esquadra antes do combate de Fú-Tchêou constava do seguinte:

1º Dois cruzeiros e dez canhoneiras compradas em Inglaterra.

2º Dois cruzeiros, trez canhoneiras-avisos, duas canhoneiras e treze transportes-avisos, trez avisos compondo a flotilha de Fú-Tchêou, saídos do arsenal que foi destruído pelo almirante Courbet e que um francês, M. Gillet, tinha construído n'esta cidade.

3º Treze canhoneiras ou chalupas a vapor das ordens do vice-rei de Cantão.

4º Seis fragatas e canhoneiras construídas em Shanghai e que foram também transformadas em navios de transporte.

5º Seis barcos torpedos.

6º Trez cruzeiros d'alfandega.

Na escola de navegação do arsenal de Fú-Tchêou os cursos eram em inglez, e pode-se avaliar em sessenta o numero d'alumnos que receberam uma instrução teórica e prática completa; e doze d'estes alumnos andaram praticando durante dois annos a bordo de couraçados ingleses.

A prova da insuficiencia d'estes oficiais apesar dos estudos que fizeram, é o desastre de Fú-Tchêou, ficando destruída toda a flotilha que quis responder ao ataque dos navios sob o comando de Courbet.

— A nossa gravura da pagina 156 representa um exame de soldados tartaros, fazendo exercícios ao arco. Escusado será entrar em maiores e mais amplas explicações acerca d'esta primitiva educação militar ainda hoje em vigor no Celeste Império. Os chineses continuam ainda a servir-se mal de espingarda, e como grande recurso para as suas batalhas os seus soldados tartaros só sabem fazer uso do arco, no que elles são contudo eminentes. E é com a flecha que elles pensam combater os europeus que chegam ao Celeste Império com a força das suas espingardas e dos seus canhões!

Estes exames, em face da scienzia militar dos europeus, são na verdade bem ridiculos e bem comicos. E custa a crer como os diplomatas chineses que residem na Europa não evitaram a guerra entre a França e a China — pois que elles conhecem melhor do que nós a impossibilidade do seu país para se aventurar em combates onde forçosamente tem de ser batido.

— Chegamos finalmente à ultima pagina da nossa primeira viagem pela China — à pagina 157.

A primeira gravura representa o tumulo d'um general tartaro. Num campo, à Este de Cantão encontra-se uma estrada bordada por dois renques d'animaes esculpidos em dimensões colosseas. Ao fundo descobre-se um pavilhão de pedra dentro do qual se eleva, sustentado em cima d'uma tartaruga de pedra, uma grande placa de marmore coberto d'inscrições. É o tumulo d'um general, de P'aang-Tchi-Fu, que se apodou de Cantão em 1650.

Foi dois annos depois da morte d'este P'aang-Tchi-Fu que o imperador Shum-Tchi mandou construir o monumento de que a *Ilustração* oferece um rápido desenho.

As inscrições são muito importantes e muito curiosas. Discursa o imperador fazendo o elogio do seu general, e chegando num excesso de exaltação rhetorica a mandar escrever o seguinte: *Vós, P'aang-Tchi-Fu, fostes os braços e as pernas do Imperador, seu amo!*

Quando este general morreu fizera-se-lhe soberbas funeráres. Mas o imperador comprehendeu que isto não era bastante e oito dias depois recorreu os mesmos funeráres e o mesmo discurso:

Vós, P'aang-Tchi-Fu, fostes os braços e as pernas do Imperador, seu amo!

Santa gente!...

— E este general que os leitores viram na mesma pagina 157 é Sua Excelência Tchang-Tching, governador de Cantão e que pelo facto de ter 40.000 homens as suas ordens tem também direito a chamar-se Tching-Tsiang, título este que, segundo nos dizem, muito o penhora. O nosso desenho representa-o no jardim do seu palácio, rodeado de mandarins militares as suas ordens, dalguns oficiais e servos.

Este personagem que umas vezes se chama Tchan-Tching, outras Tching-Tsiang que se destina a resistir ferozmente as tropas francesas. Que seja muito feliz!...

UM DESENHO DE RAMALHO

FAZ hoje a sua exécu na *Ilustração* desenhando uma en-tête para o primoroso conto do nosso illustre collaborador sr. Conde de Ficalho, o distinto pintor português Antonio Ramalho que actualmente estuda em Paris e que no *Salon* de 83 expôs um magnifico quadro de genero *Chez mon voisin*, que mereceu largos elogios de toda a critica francesa. Ramalho vae ser um nosso collaborador assíduo, e em numerosos seguintes as leitores da *Ilustração* poderão apreciar largamente o talento d'este artista que ha-de vir a ocupar um lugar brilhante na moderna pintura portuguesa.

É sempre com verdadeiro orgulho que a *Ilustração* annuncia a collaboração de mais um artista português ou brasileiro, não só para os tornar bem conhecidos do público dos seus dois países — mas também para os tornar conhecidos de todos os jornaes europeus do mesmo genero com os quaes a *Ilustração* se acha intimamente ligada. Os desenhos dos nossos colaboradores são sempre reproduzidos pelo ultimos processos chimicos ainda hoje ignorados em Portugal e Brazil — e que só se executam com toda a perfeição artística em duas oficinas de Paris e em uma officina de Leipzig, as quaes nós confiamos todos os desenhos com que os nossos artistas nos bournam.

O ENCOURAÇADO RIACHUELO

Riachuelo é um riacho que desagua no Paraná, a pouca distancia de Corrientes, na Republica Argentina. Nesse sitio foi que se deu o memorável combate naval de 11 de junho de 1865, em que a armada brasileira, sob as ordens de Barrozo, aniquilou as forças marítimas do Paraguai.

É esse o nome que se escolhe agora para o encouraçado brasileiro, que representamos hoje em nossas paginas.

Esse poderoso e homem de guerra, *man of war*, como dizem os Ingleses, saí de estaleiros dos srs. Samuda Irmãos, de Londres, que o desenharam e construiram. O navio made 305 pés de comprimento, 52 pés de maior arqueação na linha de flutuação e 30 pés de pontal maximo, com calado de um metro mais de 19 pés, 6.000 toneladas de deslocamento e força de 6.000 cavalos. A sua rapidez normal é de 15 nós por hora, podendo atingir e 16 3/4 nós com fogo em forças.

O Riachuelo é protegido por uma couraça de 10 a 11 pollegadas de espessura feita de aço de Siemens-Martin. Uma coberta horizontal de aço corre por todo o navio. Dentro de dois parapeitos ovais, formados de chapas e angulos erguem-se duas torres giratorias, protegidas por armaduras de aço.

O armamento consiste: 1º em quatro peças de

carregar pela culatra, que se corregam por meio de uma machine hydraulica e movem-se com as torres em que se acham instaladas; 2º em seis peças de carregar pela boca, assentadas no convés; 3º em quinze metralhadoras Nordenfeldt, cinco das quais servem nos mastaréos e dez estão collocadas sobre pedestais afim de afastarem as bercas-torpedos; 4º em peças torpedos de White-head, dispostas para fazer fogo de cinco pontos.

Na opinião do *Times* é pre-sentemente o *Riachuelo* o mais poderoso navio de guerra conhecido. Tem 3 helices; é illuminado com lampadas electricas de Swan e pôde percorrer uma distancia de 4.500 milhas sem tornar a meter carvão. O leme é governado por vapor, mas pôde ser dirigido à mão.

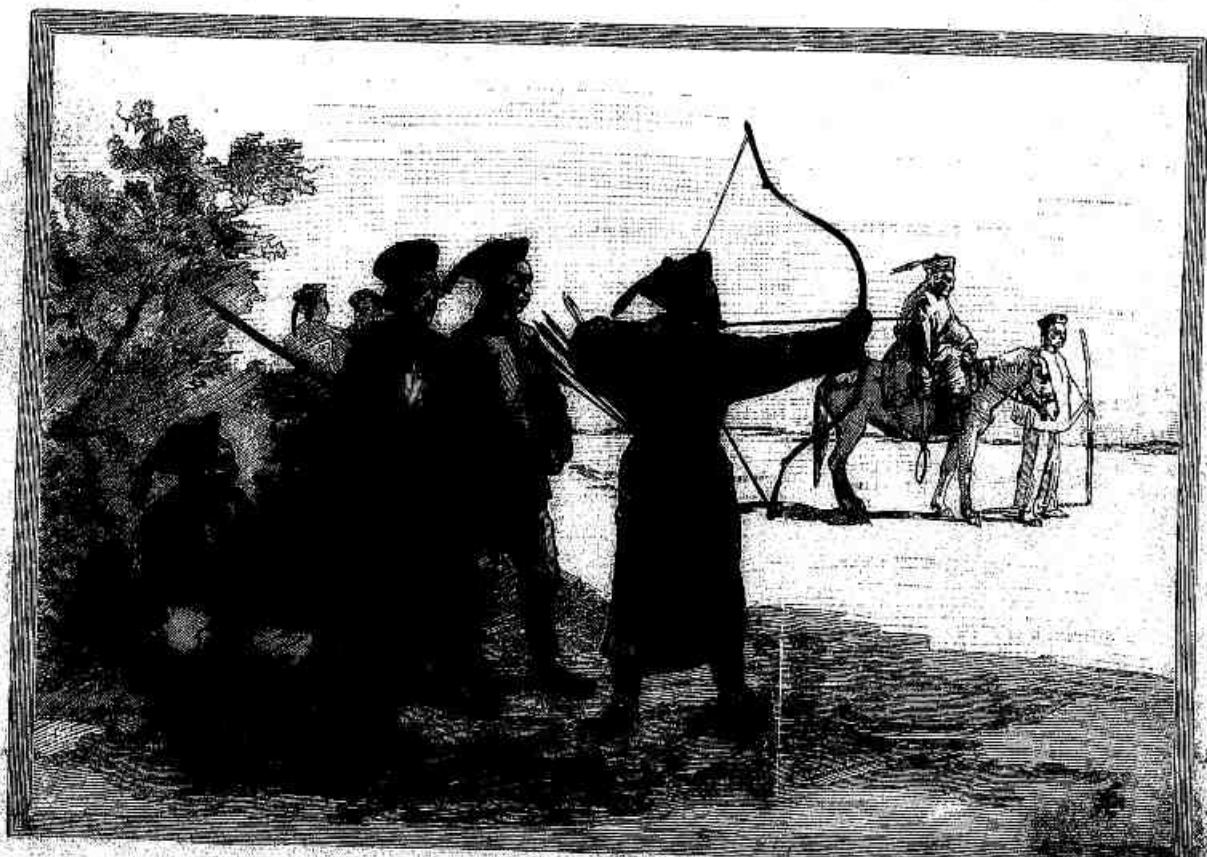
O commandante Van Den Kolck deve conduzir o *Riachuelo* ao Brasil no mez de outubro.

A nossa gravura é cópia d'uma photographia que a *Ilustração* recebeu de Londres, gravura que foi executada com o maior escrupulo e perfeição artística pelo nosso colaborador Ch. Baudé.



O ALMIRANTE COURBET

Commandante da esquadra francesa nos mares da China.



A CHINA CONTEMPORÂNEA: Um exame de soldados.

QUAND MÊME...

O magnifico grupo de Mercié, o celebre escultor frances, que a *Ilustração* oferece hoje aos seus leitores é uma das obras-primas da arte moderna e uma das obras d'arte contemporâneas onde mais se revela o sentimento do amor da pátria.

Este grupo representa a verdadeira França, no momento em que se empenhava a guerra entre ella e a Alemanha.

O soldado francês cahira morto por uma bala do inimigo. Mas para que não fique um lugar vago nas fileiras, a alaçânia arranca a espingarda d'is mãos do moribundo — e vai batêr-se pela patria! Todos os povos têm tido d'estes momentos de suprema agonia e d'estes rasgos de heroicidade. Todos quantos amam e respeitam a sua patria têm de compreender quanta elevação d'alma, quanto entusiasmo e quanto sentimento irradiam d'esta soberba escultura, devida a um dos artistas de mais nomeada que a França hoje possue.

O grupo *Quand même!* que já figurara há annos no *Salon* de Paris onde obteve a grande medalha d'honra, foi inaugurado no dia 31 d'agosto em Belfort, não só



O funeral dum general chinez



A CHINA CONTEMPORÂNEA : Um general chinez e o seu estado maior

para commemorar os grandes heroismos de 1870, como também em commemoração de Thiers e do coronel Densart.

O ALMIRANTE COURBET

CALMIRANTE Courbet é o grande herói da batalha naval de Fou-Tchéou, do combate no rio Min com a esquadra chinesa, do ataque aos fortes que dominam a embocadura do rio.

Hoje em França todos o aplaudem, todos o admiram, e estamos certos que quando elle voltar ao seu paiz ha-de ser calorosamente festejado por toda a nação pelo modo heroico como elle tem sabido vingar a dignidade do pavilhão tricolor.

O almirante Courbet nasceu em 26 de junho de 1827, e entrou no serviço em 1847. Era aspirante em 1849, tenente de marinheiros em 1856, capitão de fragata em 1866, contra-almirante em 1880. Foi governador da Nova Caledonia e comandante em chefe da divisão naval n'esta região.

Mas o seu nome só começou a ser celebrado desde o instante que o governo francês lhe confiou o commando da expedição dos mares da China onde elle tem feito verdadeiros prodígios.

NA AUSÊNCIA DO MESTRE

CONCEPCÃO bronze que publicamos na pagina 160 é trabalho d'un artista italiano de grande valor Lorenzetti, trabalho que ocupou um lugar brilhante pela graça com que é tratado e executado, na exposição nacional de belas-artes que se realizou em 1883 em Roma.

A *Ilustração* vai começar brevemente uma série de reproduções dos melhores quadros e esculturas dos modernos artistas d'Itália — verdadeira novidade para o nosso público.

BIBLIOGRAPHIA

LES MATINÉES ESPAGNOLES. NOUVELLE REVUE NATIONALE EUROPÉENNE, par M. le baron Stock. Madrid, 1884.

Creio não ser indiscreto dizendo aos meus leitores que o baron Stock é o pseudonymo de Mme Ratazzi, a autora d'este famoso livro. *Portugal à sol d'oiseau*, onde se criticavam d'um modo pouco justo, pouco sensato, e portanto pouco verdadeiro — certos costumes e certas costums do Portugal contemporâneo. Não sonhei eu o primeiro que levantava esta máscara. Quisasse eu falar em *Matinées espagnoles*, ou seja em Espanha em França, em Itália, ou em Portugal, nunca se diz: Baron Stock. Diz-se sempre: Princesa Ratazzi. E portanto da revista da Princesa Ratazzi que eu me vou ocupar e dizer francamente o que penso d'esta publicação.

Quanto a mim, esta revista parece querer fazer concorrência, ou pelo menos seguir as passadas da *Nouvelle Revue* de Mme Adam, que se publica em Paris. Sua preocupação política e mesmo preocupação literária Política e literatura de salão, entre uma vassoura e uma chavena de chá. Política e literatura por dilettantismo e por desfachado.

Como preponderância política em Espanha ou em França, penso que tanto vale uma como outra. Nada valem!... Como preponderância literária — pois que ambas são escritas em francês — prefiro a de Mme Adam.

Eu bem sei que Mme Ratazzi me pode mandar ler atentamente a capa da sua revista onde há alguns nomes notáveis da literatura europeia. Mas nenhum d'esses escritores se me alfigura como colaborador assíduo, mas sim como aderente — no que ha uma encómoia deferência. Ou não? Encravado que a *Nouvelle Revue* veio tomar a direita à *Revue des Deux Mondes* pela sua força mais moderna, apresentando treínelhos de romancistas eminentes como Daudet, e revelando a literatura francesa, entre outros, um nome que hoje é já respeitado tanto na crítica, como no romance — o nome de Paul Bourget.

Mme Ratazzi é a mais assídua colaboradora do seu jornal. Em cada página se encontra o seu nome,

escondido atrás de uma ou duas iniciais ou d'un pseudonymo, firmando um original ou firmando uma tradução. E em assumpto de traduções temos assinado nas *Matinées espagnoles* — à do romance *Primo Basílio* d'Eça de Queiroz.

Mme Ratazzi que conheço muito pouco o português, aventurou-se numa empreza bem delicada. É a primeira vez que o *Primo Basílio* aparece traduzido para o francês. Ora a literatura francesa ha-de fazer uma ideia muito falsa d'esta obra do original e tão poderosa, pois que a tradução ainda nos deu uma ideia d'esta phrase tão pitoresca e tão torturada, d'este diálogo tão curto, tão rápido, tão vivo, que é o grande carácter dos romances do ilustre colaborador da *Ilustração*. É um *Primo Basílio* perfeitamente diferente do original.

— E quem é que estaria nos caros de o traduzir? — pergunta-me-ha Mme Ratazzi.

— Unicamente o próprio autor, que escreve com tanta facilidade, elegância e modernismo o francês, como o escrevia Turgueniev, o ilustre romancista russo, e companheiro de Flaubert, falecido o anno passado em Paris. E se Era de Queiroz o não tem feito, é porque não teve permitido os seus romances em pre-publicação e a sua saudade cada vez mais abalada.

O que eu encontro de mais curioso no faculito que tenho à vista (Nº 1 — 2º semestre) é a primeira d'uma série de cartas que a princesa está escrevendo sob o título de *Portugal à sol d'oiseau*.

— Andiu!... —

É a segunda parte dos seus estudos; as observações colhidas na sua ultima viagem a Lisboa — ou o arrependimento publico do primeiro volume.

Nesta carta a escritora passa quasi todo o tempo a falar de si, do seu passado, do seu presente, da sua posição oficial — o que me dá a ideia de certas damas que pelos salões andam sempre mirando-se nos espelhos, como que desconfiadas que a formosura lhes ministra, ou que as *toilettes* não produzam o efeito calculado...

... Depois, entrando em Lisboa, começa a criticar de todos os lados. E os primeiros que lhe merecem as suas pitadas d'afinete são os pobres guardas d'alfandega que revistaram na gare as malas de madame. Que observação viesse d'uma parisense, não tinha de que me querer. Mas da princesa que habita a Espanha, a terra tradicional dos carabinheiros incivils na sua fronteira portuguesa e francesa chegam a ser insolentes, provocando até conflitos diplomáticos, como o sucedido ha pouco com o embuxidor francês, baron de Michelis, em resultado das grosserias de que foi alvo ao entrar em Irún — é para fazer sorrir! Crítica feminina. É como nas salas. Sacrifica-se muitas vezes a melhor amiga ao prazer de falar uma phrase. Conheceremos o gênero. À hora do chocolate, quando já se não dança e se fazem as contas de *saúde*!...

Depois saúda, Portugal, e exclama:

— Juge si j'aime, moi qui t'aime assez pour t'aime comme si je t'aime pour la première fois!

Que me perdeu Mme Ratazzi, mas ao ler esta sua frase só me pareceu estar ouvindo o Pierrot de Molière:

— Je dis toujours la même chose, parce que c'est toujours la même chose; si ce n'était pas toujours la même chose, je ne dirais pas toujours la même chose!

Pierrot muito mais original, não é verdade?...

Quando escreve português, é o mesmo sistema do primeiro livro. Rua do Tesouro Viejo. E de tal modo fala do hotel Bragança, onde se alojou, que até parece que é Sua Magestade o sr. D. Luiz quem tem a seu cargo gerência do estabelecimento...

A Praça do Comércio, considera-a « aristocrática por excelléncia ». Aristocrática, porque? Pela Alfândega? pela Bolsa? pelas diversas repartições do Estado!... E diz que « é cercada de ruas habitadas por « peacadores, tabernáculos, vendedores de fruta, um pouco — um tanto — laborioso e pobre ». Francamente, madame Ratazzi continua a mangar comosco!... E diz que n'esta população que rodeia a Praça do Comércio e que se encontra o tipocurioso das « variárias ou vendedoressas de peixe ».

E perguntando-a alguém que a acompanhava na sua viagem através de Lisboa por que razão a capital não tinha um passeio de carregueiros como todas as capitais da Europa possuem, case alguém ponderou-lhe esta sábia reflexão:

— A falta d'um passeio provém de que, salvo algumas raras famílias, ninguém possue carruagem sua, por causa da excessiva inclinação das ruas, que dão cabo dos veículos e dos cavalos mesmo os mais sólidos!

Alguém respondeu-lhe — mas eu não quero crer — que a phrase é da sra. D. Guiomar Torreão. A sra. D. Guiomar nas *Matinées* trata simplesmente de *Courrier de Lisboa* — e já descoroça um « tout de Lisboa psychut » e que me leva a mandar os meus peregrinos à cidade do Tejo por ter importado com tanto afan esta sensaborla parisiense do *psychut* — por aquil

lão desacreditada. E fazendo allusão ao restabelecimento do divórcio, a sra. D. Guiomar explica o facto dizendo que — « a França o abreia, recordando-se som a dúvida da definição de Beaumarchais: O casamento é « a mais ridícula das instituições ».

Ora quando uma senhora só encontra em Beaumarchais, pais de meu amo o conde d'Almaviva, d'astas phrases para dar de presente ás famílias das suas relações — que havemos nós de dizer dos D. Juans sacrificados que andam por esse mundo a envenenar as instituições mais santas?...

Que são ellos os apóstolos da moral!

REVISTA ILLUSTRADA DA EXPOSIÇÃO DISTRITAL DE COIMBRA EM 1884.

Recebemos os n° 1, 2 e 3 d'esta revista onde encontramos artigos de Joaquim de Vasconcellos, um dos homens a quem as artes industriais tanto devem em Portugal e que justamente por que estuda, por que trabalha, é de quando em quando alvo de gracolas de noticiários; do sr. A. Gonçalves sobre cerâmica; do sr. Seabra d'Albuquerque sobre as fábricas de papel; e do sr. Corte Real sobre as duas exposições de Coimbra (1865 e 1884).

Também aparecem na *Revista Ilustrada* alguns desenhos reproduzidos pela gravura chímica, destacando-se por uma grande elegância e tom perfeitamente moderno o *vasilhame a dois barros*, ensaios do sr. A. Gonçalves, que só me figura um artista de primeira ordem, tanto quanto posso julgar pelos croquis; e uma reprodução d'um delicioso desenho a carvão do sr. Luiz Bastos — *Em Leça da Palmeira*.

Pena é que em Portugal ainda nenhum artista se decidisse a vir a França e a Alemanha, por conta de qualquer empreza typographica, estudar seriamente os últimos processos da gravura chímica, totalmente ignorados em Portugal onde a zincographia está perfeitamente no período selvagem.

Os leitores da *Ilustração* já devem ter feito uma ideia dos resultados que se obtém por meio da aplicação typographica, pois que a *Ilustração* se encarrega de levar a Portugal e ao Brasil tudo quanto ha de novo na indústria dos jornais ilustrados. O desenho é conservado com a maior fidelidade, traços e tons. No dia em que alguém trabalha excecionalmente n'este gênero, abre-se-hão novas fontes de riqueza na indústria typographica. Francamente causa pena ver que a *Revista Ilustrada* só pode obter aquellas reproduções, quando em Paris todas as typographies possuem uma secção zincographica onde se reproduzem todos os trabalhos de desenhistas na maior perfeição artística.

Possam estas linhas ser lidas pelo ilustre ministro das obras públicas Antônio Augusto d'Aguilar, o chímico eminentíssimo, e estou certo que ele não deixará de mandar um artista português praticar durante um ou dois annos nas oficinas de Gillot ou de Meissenbach.

FIGARO.

THEATROS

STÁ quasi a travar-se a campanha teatral. O *Gymnase* começou já as hostilidades em Agosto, com o seu invencível *Mestre de Forger*.

Algun outro secundou-o, apresentando os muitos res sucessos da época passada. Do dia 20 a 30 segue-se-ha a maior parte dos outros teatros e no princípio de Outubro não haverá um só palco parisiense que não tenha sido, regado com as tristes lagrimas da ingenua; uma única sala de espectáculo que não se tenha entusiasmado com a mais alta sua es primeira *entracto* ou com a mais baixa facetas do primeiro comic.

As novidades ainda não chegaram.

Os criticos estão porc a porcos, vão se enladrando já, refrescando permanentemente as flores borronadas pelo salgado resto dos rudes, e, enquadados de lâmina lucta, puros das intuições que porvera-lhe a vive sem tolhido o bom caminho, os prompts a julgar com certeza, a criticar com ciencia e a ajustar sentenciantudo o que se lhe for desenrolando à vista desde o mais perido dramehão até à mais sublime opéra dramática.

De encontro para lá os nossos leitores poderão crer que não lhes faltará a mais pequena informação teatral, o menor ruído de bastidores.

Até encontro, porém, o assumpto *croissante* nos é curioso pede-nos o incessante.

E mais exigente que todas as chicanas, esta só tem um manjar, só convida um a acepção: o *theatre*.

E forçoso é car-lhe seca enrire... de novo.

Um assumpto...

Hum... hum... os nossos aconselhos!

E de facto, bem sei a quanto pertence o *theatre*, quanto só vou dar spontâneamente, curiosos a quem se interessar por elles e que o vento levárá a que não é necessário.

Mais tarde veremos...

Poucos theatros, não da França, do mundo!!! reunem actualmente uma porção de artistas tão talentosos, de tanto merecimento, de tão boa vontade como os que hoje representam em D. Maria II.

Se alguém julgar isto um exagero becul, bastar-lhe-á pensar que os actores qualis se encontram, subiram á quelle theatre pela sua vocação decidida, pelo seu esforço de vontade e pelo seu estudo íntimo, sem esculha, sem incitamento de especie alguma e sem o menor elemento para deverem chegar até elle e convergir-lhe, essa alguma, que é uma simples verdade e que no princípio lhe parecia um cumulo de fisiona.

Fórm de D. Maria II eu só vejo, no presente, cinco ou seis artistas que se tenham declarado dignos de lhe pertencer e que breve, muito breve, estou certo, farão parte da sua companhia. Dito isto, forçoso é reconhecer eu eu não hesito em escrever os nomes de Polla, Linda Simões, Inês do Rio do Porto e os de dois ou tres que estão no Brasil.

Não esqueçamos entretanto os talentos de Jesuina puerum Palais-Royal, de Leoní superior a Maugu e Montzouge, os mais famosos comediantes franceses de operetta e os de Quirós e Augusto na comédia-vodeville.

Taborde, esse nome que me veio de todos os lados, com receio d'um esquecimento imperdoável que seria um crime mortal, Taborde é uma concepção unica e por isso mesmo, inconfundivel. O theatro normal pertence-lhe por direito, mas não por generic.

Tratemos de demonstrar isto tudo aquem me devora com olhos de meio metro de diâmetro.

Olhemos primeiro para a idade de todas os artistas do nosso primeiro theatro, comparem o com a dos melhores do Comédie e conhecereis com júbilo quanto a dos nossos nos promove e nos pode dar ainda!

Os *jeunes premiers* do theatro modelo da França são quasi inalteravelmente feitos por actores que tem passado o meio século e os outros papéis são quasi todos interpretados por *jeunes* da mesma idade. É verdade que em França um auctor de quarenta annos é um *jeune auteur* e um *jeune acteur* não terá menos de trinta!

A companhia de D. Maria II, em Paris, seria considerada uma companhia infantil e o mais velha de sua troupe (o sr. Macado, so que parece) seria o unico a quem merecidamente caberia o epitheto de *jeune*.

Ainda um dia d'estes um jornal francês notava com espírito que os galos fossem, no Comédie, interpretados por *jeunes* de sessenta annos enquantos que os *patres* nubres eram desempenhados por actores de vinte!

Esta observação, que não intercalo impensadamente, serviria a muitos de base para protestarem contra a influencia do Conservatorio no merecimento do comediant, se eu não fosse declarando provavelmente que esse caso extraordinario não é devido ao pouco merito dos alumnos do Conservatorio que só entram no Comédie trazendo primeiros premios, ou reputações feitas em outros theatros, mas sim a questões internas que nada nos interessam e que — de resto — não são difficis de comprehender.

Ainda assim envio, quem as quiser aprofundar, para Sarrey e Fouquier.

Como eu dizia, porém, em Portugal não ha melhores actores e no estranho ha apenas são bons.

É uma gloria!

O cuidado e a perfeição com que se está hoje representando em D. Maria II e a paridade feita entre o desempenho de muitas peças exhibidas ali e em alguns theatros franceses permitem-me que avance o que digo, embora em oposição ao parecer de quem não pode admitir em Portugal cousa alguma superior ao que ha no estranho.

O exemplo dado por estes actores não se repetirá, talvez o theatro ficará sem interpretas, desde o momento que, acudidas as vocações decididas (porque as temos), não possuamos uma escolha que nos de, nem promovam interesses que nos tragam!

Conserveremos com estima os actuaes mas tratemos de preparar os que lhe hão-de succeder.

Sobre o incitamento que os nossos actores encontram, a frieza e a impácialidade das cívis me corroboram dispensando os comentarios.

Um actor d'um theatro normal é um empregado do Estado, um empregado publico e, como tal, tondo adquiridos direitos, deverá ter um presente condigno e um futuro garantido, seno que lhe seja necessário valer-se de outras modos de ganhar dinheiro que não os da sua vida artística.

Um actor do Comédie em ordenados, gratificações e extraordinários (chamou extraordinários o rendimento que lhe provem do desempenho subito no logar d'um interprete que aduce e a sua propria recordada nas recitas não ordinarias) pode calcular a sua recita por meia entre 1.500 e 2.000 francos (Rs. 270.000 e 360.000) tendo alem d'isto os interesses que possa fazer, como professor do conservatorio ou particular.

Em 1883, no anno passado, a parte de cada secretaria do Comédie foi de 30.000 fr. e como curiosidade direi ainda que em 1878 esse parte subiu a 42.000 francos ou Rs. 7.500.000.

O anno de 1878 é certo que foi o de Exposição Universal e o da reprise do *Ernani* que produziu receitas exageradas, mas como compensação nos outros annos em que esse rendimento diminuiu uns poucos, devemos suportar que o repertorio do Comédie exige, quasi todo, guarda roupa, e não o fato do proprio actor que entre nos lhe consome tres quartos do seu ordenado. Depois em França, começo a pôr em prática o uso de ser tudo o fato de scena, mesmo o da epocha, pago pelas empresas, o que é um grande aperfeiçoamento não só pelo maior explicador, precisão e exactez que da nos personagens mas pela economia que faz no actor. Este sistema trouxe a epocha passada melhoramentos muito importantes e do mais bene succedido resultado.

Um actor frances não se vê pois necessitado de fazer todos os annos, como entre nós, uma especie de paditório, a que já me referi n'outro artigo, em troco do qual oferece uma peça nova ou velha e a que para mais ainda o ameaçantur, se lembrem em Portugal de lhe dar o nome de — beneficio!

Essa costume tem fôrtemente de acarar no nosso paiz. É ridículo e não é decente.

Se o tempo não o matar tão cedo, o bom senso e os bons exemplos nos fruirão, no menos, de inadmissivel usanza a que elle da causa, permitindo-se a cada artista a escolha da peça que por essa occasião deve subir á scena, usanza de que os Portugueses poderiam tirar o privilegio de invencão se elle lhes desse proveito ou se lhes trouxessem o gosto de a ver seguida pelos povos a que não conhecem, felizmente para elles.

E que isso seja também mais um ponto de vista dos nossos drematurgos e que anniquilados pelo Governo, pelos empresarios, pelos directores de scena, não se deixem anniquilar também pelos actores!

O empresario d'um theatro vê-se, inclusivamente, na realissima colisão de não poder montar uma peça estrangeira — visto que tanto gostam d'ellas — de efecto seguro e de sucesso garantido, porque a epocha theatral não é suficientemente larga para se meter em scena todas as peças escolhidas pelos seus escripturadores.

Fallam dos nossos empresarios, com bem pinta justiça. A maior parte das vezes, contados, não são responsáveis para consigo proprios, das percas que sofrem. É mais uma classe de gente de theatro que não está ainda bem definida em Portugal.

As escripturas exigem peça nova e da escolha do proprio escripturado e essa escolha que só visa a um grande e bom papel individual, não olha ao merecimento da obra, nem a regularidade do desempenho geral nem as obrigações que o theatro tem para com o publico!

Ainda se lhes desse para bem, para gostarem de origens, tenho crido o direito da escolher uma peça de seu gosto e um auctor da sua predilecção quem sabe talvez fossem elles que pretenhessem um dos deveres do theatro do Estado : descobrir auctores!

Mas não lhes dá para tal e portanto acabemos com isso. Façam o seu beneficio ate um dia em que esse questo se resolva, mas accitem a peça escolhida pelo emprezario, señor supremo n'esses theatros, A falta de publico!

O que os nossos actores ganham todos o sabem! E sem critica nem diñeiro, onde está o incitamento?

Da escolha que tinha por dever examinar todo o artista para a porta do nosso theatro normal, d'esso não fallemos, porque — vergonha aos nossos Governos — afastão-o do caminho, ou intercepto-lho em meio.

Sem ella e sem elemento algum de educação literaria ou artistica, somos ainda assim mais ricos em generos que os proprios franceses.

O Comédie com os societarios a 32 escripturados só podia entregar um *gala* de maior folgo a Delaunay, com 70 annos (!), só tem um *comico*, Coquelin, que vive curvado sob um enorme repertorio antigo e moderno, tem de reter a todo o momento Jouassain, assim unica *énege* que pede com insistencia a demissão, com a perda de Sarah e de Groizette ficou sena um unico *premier rôle*, em Favart achou a ultima encarnação das *mâes tragicas*, re se obrigado a ir pedir aos outros theatros os personagens dos proprios classicos (!!), não encontrou ainda um *Ascaréne* nem um *Triboulet*, lucta á fala das tres *Burggraves*, e deixá apodrecer nos arquivos centenas de obras primas não lhes podendo dar interpretes dignos.

E entretanto o Comédie é o primíssimo theatro da França, do mundo, estio n'elle embocetadas as maiores glórias artísticas e os seus mais infinitos escripturados são laureados brilhantes do Conservatorio de Paris!

E nós? No nosso pequeno meio! Sem fallarmos em Tragedia, onde ainda assim alguns talentos se nos tecem revelado?

Conheceremos num futuro, uma verdadeira fala, encontro, instante, prece de cuidado framido: um, *Saint-Valier*, um, *D. Ray Gamez*, um *Maubert*, um *pae autre*.

Vicências: Enfrentos de vontade?

Respondelhe com o *Ernani*, com o *Orfeo* com o *Rey*, com o projecto do *Ruy Blas* do D. Juan da Morte civil ex-mim o projecto de se representar em Lisboa o *Hawell*, o *Rai s'animse* ou o *Skylock* que há muito tempo fariam parte dos nossos repertórios se não nos faltasse o mais essencial — a critica dramatica.

Gritem á vontade; é tristemente verdade que não temos a tal insignificante cosa que *anda concorrer para o aperfeiçoamento da Arte*, na sua opinião dos contornos do Servico da Imprensa que não desgostam de entrar no theatro sem passar pelo *gaiete* do caminhão.

2. Maratão.

PASSATEMPO

A *Ilustração* recebe com prazer todos os exercícios, casos difíceis, charadas, logographs, enigmas e enigmas ilustrados que os seus leitores lhe queiram enviar.

Nº 30

EXERCÍCIO

Achar o maior numero de palavras terminando em nome de animal.

NOTA. — *Não entrar em concorrência at que já de si o representam ex: Camelô.*

Nº 31

EXERCÍCIO

Contar a anedota mais nova, mais pequena e mais engredada.

NOTA. — *Publicar-se-hão apenas as seis melhores.*

Nº 32

EXERCÍCIO

Nº 33. — *Nos Pyreneus este fogo tem brilho à noite — 2 — 2.*

Nº 33. — *Fogo alegre e bem depressa, — 2.*

Interim.

Nº 34

EXERCÍCIO

Isolar e cercar com um só traço os 21 pontos.

Isolar e cercar com um só traço os 21 pontos.

SOLUÇÕES

Temos de retardar por mais um numero as soluções do nosso *Passatempo* dos Nrs. 5 e 6 a pedido de assinantes; só nosso poder está já algumas, mesmo do Nº. 7 e entre elas duas muito justas dos Srs*, F. A. F. Jor, do Porto e V. d'A. de Eivas.

CORRESPONDÊNCIA

Porto. — A. S. = F. A. F. J. = E. A. Z. = A. F. M. = Recém-nosso e falidos.

EVAS. — *Vieiros d'Almada*, = Idem.

LIMA. — *Saldanha*, = Idem.

PINHEIRIL. — M. E. P. = Idem.

VIEIRAS. — *Pereira Antunes*, = Idem. Queria mudar nela alguma cosa. As outras vieram de caco no Nº. 8.

OGRES. — *Jóia Branca*, = Queremos direcção que sejam o pseudonymo era facil pôrmos as suas iniciais. Odylo, porém, só comecaram a escrever e terminaram a publicar Muito mais a uns claros.

PORTO. — J. L. C. = O que lhe dissemos é o que é. As suas palavras que guardaram o projecto estão em nosso poder e se desejou que desse a publicidade. Pôr desse modo a publicidade é a publicidade. Para entrar em novo concerto, precisaria o trabalho novo. E assim via se fazem todos e não abrimos um novo domínio.

LIBRAS. — *Jau* = *Jau* bom, sera publicado. Pode mandar-nos.

